



ALÉM-MAR
ANTONIO LINO

ANTONIO LINO

ALÉM-MAR

FOTO DE CAPA

ARAQUÉM ALCÂNTARA

SÉRIE BRANCO VIVO

1ª EDIÇÃO, 2016

SÃO PAULO/SP - PORTO ALEGRE/RS

EDIÇÃO DO AUTOR/REDE UNIDA

PREFÁCIO

POR HÊIDER PINTO

Ler Antonio Lino para mim é me deliciar com a escrita. Surpreender-me conhecendo novas coisas em realidades novas, ou mesmo aquelas que eu julgava já conhecer. É admirar um excelente labor, meio jornalista, meio antropólogo, meio historiador. Com ancestrais mineiros, Lino, no modo de rodar o Brasil, de se misturar nos lugares e com as pessoas, e de nos contar isso tudo, tem um quê de Guimarães Rosa e Darcy Ribeiro. Lê-lo me coloca em reflexão, com os muitos elementos que sua escrita oferece para a análise, só que com uma mente aberta graças ao impacto dos sentimentos que sua literatura nos brinda.

Conheci Lino como escritor no ótimo *Encaramujado*, obra fruto de um se jogar de Kombi pelos quatro cantos do Brasil, expondo-se e se permitindo mergulhar e se encantar com as pessoas, paisagens, histórias, sentimentos e afetos de cada local visitado.

Conheci Lino pessoalmente quando, num bom encontro, decidimos desenvolver um projeto: nós, no Ministério da Saúde, decidimos apoiar propostas que pudessem tratar do Programa Mais Médicos (PMM) com outras estéticas, além das diversas pesquisas apoiadas.

O projeto se realizou e deu resultados. Os primeiros estão aqui em suas mãos: uma obra que não se pode dizer que seja sobre o Mais Médicos. Aqui, o Programa é, no máximo, um pano de fundo e um disparador. No centro do olhar, da escuta, da sensibilidade e da caneta de Lino estão as pessoas, suas relações, suas histórias e os lugares onde se produzem diálogos, afetos e cuidado em saúde.

Também não se trata de um livro que possa ser classificado como “de saúde”, mas traz histórias, imagens, noções e concepções muito mais amplia-

das e sofisticadas do que diversas obras que se propõem a tratar do tema em abstrato.

Assim, quem não é da área da saúde, mas gosta do Brasil, de “causos” ou de gente, amará as narrativas de Lino. Quem é estudante, educador ou pesquisador da área de saúde terá nas mãos um potente texto que consegue dizer mais que mil conceitos a respeito das concepções de saúde, o trabalho em saúde, a relação entre os saberes científico e popular, a relação profissional de saúde/paciente-usuário-cidadão, a determinação social do processo saúde-doença, o poder disciplinador da medicina, a medicalização da vida, a biopolítica e o belo e vivo modo como a vida e as pessoas escapam desses controles.

Quem conhece, experimentou ou vem estudando o PMM sabe que, muitas vezes, não é revelada pelas pesquisas a alma do Programa: a afirmação concreta de que o cuidado à saúde é um direito de todos os brasileiros e que esse direito tem de assumir uma dimensão digna, generosa, humana, dialógica e repleta de afetos.

As histórias de Lino trazem esta outra dimensão essencial, muitas vezes, invisível às pesquisas.

Essa alma, que já foi revelada no belíssimo ensaio do grande fotógrafo Araquém Alcântara, publicado no livro *Mais Médicos*. As imagens agora ganham palavras.

Nessas três edições especiais se encontram a obra de Lino e Araquém. Os locais e algumas das pessoas que figuram nessas histórias foram retratadas no livro de fotografia que Araquém, com muita sensibilidade e verdade, denomina de “manifesto humanista”. Obras de uma beleza oportuna e necessária em um momento do país e do mundo no qual, mais do que nunca, é absolutamente necessário afirmar a vida, o amor, o cuidado, a generosidade e a solidariedade, afirmar valores radicalmente democráticos sob o risco de começarmos a regredir enquanto sociedade e civilização.

Neste livro, *Além-mar*, Lino nos oferece a história de um médico capaz de nos encher de admiração e carinho, produzindo identidade e referência também naqueles que são ou pretendem ser profissionais de saúde. Dr. Dmytro Petruk é um médico ucraniano que, recém-formado, foi cuidar de pessoas em locais que pouquíssimos médicos ousavam

ir em seu país. No meio de uma crise econômica e política, imigra da Ucrânia e trabalha em muitos outros empregos antes de retomar a condição de médico na Europa. Em 2013, uma situação, uma oportunidade e algumas paixões lhe trouxeram ao Brasil para participar do Programa Mais Médicos.

Numa pequena cidade no litoral do Rio Grande do Norte, atendendo pequenas comunidades de pescadores, Dmytro constrói relações de cuidado com potência suficiente para preencher com atenção, respeito e afeto, necessidades de saúde como as de Dona Francisca, que antes eram remediadas com psicotrópicos.

Lino vai perscrutando com a mesma atenção tanto a prosa do médico relacionada a seus dotes e preferências na cozinha, músicas e danças de seu país, quanto aquelas feitas com objetivos terapêuticos. Sensível, registra uma conversa na consulta que revela a importância do profissional de saúde dialogar pedagogicamente, passando segurança, tranquilidade, mas também contrapondo pedidos e expectativas geradas por uma sociedade que tenta transformar certos produtos, os medicamentos,

em uma necessidade de saúde por interesses outros que não o bem-estar das pessoas.

Lino faz um mergulho no dia a dia de um médico da Estratégia Saúde da Família numa pequena cidade do Brasil. Pessoas diferentes com diferentes problemas e necessidades de saúde e cada um lidando ao seu modo – com sua história, modos de ser e possibilidades – com sua condição. Mostra um profissional cuidadoso, disponível e disposto que, mesmo depois de atender todos os “marcados para o dia”, não se furta a acudir aqueles que trazem uma necessidade de última hora ou mais um retardatário quando já abria a porta do carro.

O autor não se omite em retratar a realidade difícil das unidades de saúde dos locais mais pobres e distantes e que antes não tinham médicos. Apesar da falta de alguns equipamentos e da insuficiente oferta de serviços especializados, que leva alguns cidadãos a pagarem à rede privada aquilo que é um direito deles acessar gratuitamente na rede pública, Lino faz o leitor perceber como Dmytro é tão necessário quanto querido e reconhecido por aquela comunidade.

Não sei que sentimento e vontades pipocarão em você ao ler este livro. Em mim, deu vontade de voltar a atender em uma Unidade Básica de Saúde na periferia em que eu trabalhava, ou numa cidade pequena na beira do mar que, no fim do dia, possa acompanhar o descansar dos pássaros “apoiados na brisa” sobre uma “arquibancada líquida” refletindo a “luz do entardecer” – pego emprestado algumas imagens do livro, dentre tantas que fazem a leitura ser ainda mais deliciosa.

Hêider Pinto

Médico sanitário, responsável pelo Programa Mais Médicos no governo eleito Dilma Rousseff



TOUROS
RIO GRANDE DO NORTE

ALÉM-MAR

Na primeira consulta da manhã, enquanto preenche a data no prontuário do paciente, dr. Dmytro Petruk se dá conta:

– Primeiro de março... Hoje começa a primavera na minha terra.

A nova estação terá bastante trabalho pela frente: o inverno deixou tudo cinza e desfolhado na Ucrânia, a terra do médico. Antes de brotarem as cores e as flores, resta neve para derreter. Por mais algumas semanas, os casacos seguirão se impondo naquela paisagem fria. Uma paisagem que parece ainda mais distante, quando confrontada com o verão brasileiro: no posto de saúde, ao abrir a janela do consultó-

rio, dr. Dmytro recebe no rosto uma lufada morna, soprada pelo mar verde que banha o município de Touros, no litoral do Rio Grande do Norte.

Faz tempo que os europeus conhecem estas praias: em 1501, o português Gaspar de Lemos baixou os ferros de sua nau por aqui, trocou presentes com os potiguaras, e deixou na areia um marco de mármore, esculpido com as cruzes de Malta e da Ordem dos Cavaleiros de Cristo. Pela rota aberta, nos séculos seguintes, os patrícios continuaram chegando, trazendo seus canhões e seus santos. Em 1800, a imagem do Bom Jesus dos Navegantes ganhou altar numa igreja em estilo colonial. Além do monumento para guiar as almas, mais tarde, outra torre de orientação foi erguida, com 298 degraus: desde 1908, o Farol do Calcanhar, o mais alto da América Latina, oferece seu claro-escuro às embarcações que contornam essa extremidade nordestina, também conhecida como “a esquina do Brasil”. Com a orla marítima assim, bem sinalizada, o naufrágio mais célebre das redondezas é aéreo: aconteceu em 1928, quando dois italianos caíram do céu. Por causa do mau tempo, Ferrarin e Del Prete tiveram

de improvisar um pouso à beira-mar, naquela pista de areia branca, ornada de coqueiros. Da cabine do Savoia-Marchetti S.64, os pilotos se ergueram ilesos. Tiraram os capacetes. E então, diante de pescadores estupefatos, comemoraram sua façanha: ali, abruptamente, terminava o voo contínuo mais longo de toda história da aviação mundial até então – 7.188 quilômetros vencidos, em 49 horas e 15 minutos, entre Montecelio e a praia de Touros. Hoje, por terra, os forasteiros percorrem um caminho bem menos vertiginoso: pouco mais de 90 quilômetros de asfalto satisfatório separam o Aeroporto Internacional de Natal, capital do estado, e as pousadas e hotéis à disposição dos turistas que buscam férias no município. Também chego pela BR-101, mas a trabalho. E numa lanchonete perto da praça da Matriz, depois do expediente no posto de saúde, peço que dr. Dmytro me conte sua própria trajetória até aqui.

– Eu sou da aldeia. Sei como cresce a batata. Sei como cuidam do porco. Sei como tratam da vaca.

No oeste da Ucrânia, o cotidiano rural transcorre suave, aos pés de montanhas revestidas de pinheiros. Tal pasmeira idílica, embora não pa-

reça, ecoa um passado bastante movimentado: o vilarejo natal do dr. Dmytro já mudou algumas vezes de pátria. Desde o século XV, sujeitos à bússola instável da geopolítica no Leste Europeu, os habitantes de Kosiv transitaram sem sair do lugar, ora abrigados dentro do mapa da Áustria, ora contornados pelas fronteiras da Polônia. Durante a Segunda Guerra Mundial, os nazistas hastearam a suástica na aldeia. Até que os alemães foram expulsos pelos russos: há 51 anos, Dmytro Petruk nasceu na União Soviética.

Uma estrelinha vermelha na lapela compunha o uniforme escolar das crianças. Os “netos de outubro” aprendiam a se orgulhar da revolução do vovô Lenin. Os adultos participavam do sistema de produção socialista: o pai de Dmytro era motorista numa fábrica de compotas de frutas, em Kosiv. A mãe, que também chegou a bater ponto no mesmo ramo do marido, preparando as maçãs e ameixas para as conservas açucaradas, acabou se aposentando precocemente, por conta de uma insuficiência renal crônica. Ante os efeitos colaterais do tratamento hormonal, que perturbariam sua mamusca

por toda a vida, Dmytro vislumbrou pela primeira vez a carreira médica:

– Quando eu era pequeno dizia pra minha mãe: “Vou ser cirurgião e fazer uma cirurgia pra você não ter mais dor de cabeça”.

Mais tarde, com o boletim como trampolim, o menino estudioso e disciplinado de fato alcançou uma vaga no concorrido Instituto de Medicina. No último ano do curso, Dmytro casou-se. E ao receber o diploma, já estava com seu primogênito no colo. Logo em seguida, o pai jovem e recém-formado deixou a família em Kosiv, e foi trabalhar a 80 quilômetros de Tchernobyl, em 1987, um ano depois da catástrofe nuclear:

– Onde fiquei era uma área de radiação moderada. Eu sentia algum medo sim. Mas não tinha médico lá, então eu fui.

Após trabalhar dois anos e meio na zona de risco, tendo retornado para Kosiv, o clínico geral especializou-se em ginecologia obstétrica. E assim, pelos anos seguintes, enquanto amparava nascimentos, dr. Dmytro testemunhou, no seu dia a dia, a gestação de um fim: o bloco soviético aparentava

suas rachaduras. Durante a Perestroika, o ordenado de 140 rublos do médico passou a encontrar cada vez menos produtos à venda.

– Eu entrava no mercadinho e sabe o que tinha? Uma conserva de couve e pouco mais. Estava tudo vazio.

Com a dissolução da União Soviética, Kosiv mudou outra vez de mapa: a aldeia do dr. Dmytro passou a figurar então no oeste da recém-proclamada República da Ucrânia. A independência e abertura política do novo país deram entrada ao capitalismo, que logo inverteu a ordem da economia local.

– Começou a encher o mercadinho. Mas aí, a gente é que não tinha dinheiro pra comprar.

A crise tirou o chão de milhares de ucranianos, impondo-lhes o pé na estrada. Em 2001, divorciado pela segunda vez, com dois filhos de casamentos diferentes para ajudar a sustentar, dr. Dmytro decidiu acompanhar a multidão, e saiu em marcha para o oeste da Europa. Somando o salário às gorjetas que, por costume da região, os pacientes lhe ofereciam espontaneamente, o médico investiu 1.500 dólares de sua poupança num visto de turista para

a Alemanha, vendido por uma agência especializada no traslado de imigrantes clandestinos. Numa *van* com catorze conterrâneos, dr. Dmytro passou incólume pelas emboscadas que a máfia russa costumava armar pelo caminho. Então pisou em território germânico. E de lá, seguiu viagem rumo a seu destino final. Num sábado, depois de cinco dias atravessando o Velho Continente, por falta de hospedaria mais acessível, um grupo de cinco ucranianos dormiu ao relento numa praia de Cascais – era a primeira das muitas noites que dr. Dmytro passaria em Portugal.

O médico de Kosiv logo meteu as mãos em sua nova terra: por indicação de um moldavo, que lhe recomendou ao patrão, dr. Dmytro trocou o jaleco branco por um avental de jardineiro, e foi cortar a grama de quintas de luxo em Sintra. Um mês e meio depois, largou o bico no paisagismo por um contrato mais ao norte, no Mangualde. O médico ainda trabalhou um ano e pouco como soldador de andaimes, até conseguir no passaporte o carimbo que, enfim, o tirou da ilegalidade. Com o salvo-conduto do governo português, Dmytro pediu

demissão da metalurgia e voltou à Lisboa, em busca de outra sorte. Mas aconteceu que, ao longo de três semanas, circulando os classificados à caneta, o desempregado ucraniano só bateu em portas fechadas. Andando o dia todo pela cidade, conforme minguava seu pé-de-meia, a pindaíba aumentava:

– Meu café da manhã era um copo de leite. Meu almoço era uma lata de sardinha. E o jantar, um iogurte. Fiquei com um pouco de fome.

Diante da urgência das próprias entranhas, Dmytro lembrou-se médico. Até então, ele não havia cogitado realinhar sua carreira no estrangeiro à sua formação acadêmica. Mas como as alternativas escasseavam, resolveu arriscar-se noutro itinerário, e começou a peregrinar pelos hospitais de Lisboa. Arrependeu-se de não ter tentado antes: no segundo dia de bate-pernas, dr. Dmytro voltou a cuidar de gente, como auxiliar de saúde num centro psiquiátrico. O médico ucraniano trocava fraldas, dava banhos e servia refeições aos pacientes do Júlio de Matos. Nos finais de semana, ainda garantia mais uns trocados, dedicando-se à medicina esportiva: como massagista de um time de futebol infantil,

sempre que solicitado, dr. Dmytro corria do banco de reservas em direção ao campo, para aplicar gelo nas canelas dos miúdos que tombavam no grama-do, reclamando as dores de uma dividida mais viril.

– Era divertido!

Foram três anos assim, trabalhando com saúde, mas sem direito a consultório. Nesse período, o ucraniano arredondou sua fluência no português. E, ao mesmo tempo, galgou a passos lentos, um a um, os degraus burocráticos que lhe deram acesso, por fim, a uma autorização para clinicar em Portugal. Desde então, o médico forasteiro passou a atender seus anfitriões.

Profissional voluntarioso, com seu fôlego de montanhista, acostumado na juventude a subir trilhas naturais pelos arredores íngremes de Kosiv, dr. Dmytro chegava a cumprir 90 horas semanais no batente, num circuito de plantões que ele percorria de carro, passando por hospitais em Lisboa, Cascais, Évora, Setúbal e Santarém, ao longo dos oito anos em que exerceu a medicina no país. Movida a trabalho, sua rotina era viajar e não dormir. Foi então, num de seus múltiplos empregos, que o ucr-

niano esbarrou com uma brasileira de ascendência polaca. Já no primeiro encontro, sua futura noiva vestia branco: Débora não é médica, mas também cumpria o expediente de jaleco, num laboratório de análises clínicas. O casal passou a compartilhar a vida e dividir meio a meio o roteiro das férias: foi assim que, além de visitar seus pais na Ucrânia, ao lado da terceira esposa, dr. Dmytro veio a conhecer o Brasil. Seus sogros haviam trocado Santa Catarina pelo Rio Grande do Norte. Um destino que logo inspiraria outra mudança: em 2013, quando uma recessão cheia de dentes roía o bolso dos assalariados na Península Ibérica, reprisando o movimento que empreendera onze anos antes, o médico ucraniano decidiu imigrar de novo. Desta vez, contudo, não partiu sozinho: depois de duas décadas radicada em Portugal, Débora encurtou a distância que a separava dos pais. Hoje, o casal vive na Praia de Graçandu, a poucos quilômetros de Natal. E a menos de uma hora de viagem de Touros, onde o dr. Dmytro cumpre seu expediente habitual, neste primeiro de março em que, além-mar, a Ucrânia contrai a primavera.

Às oito e quinze da manhã, o médico estaciona sua camionete branca em frente ao posto de saúde, na comunidade de Perobas. Uma vaca mostra os chifres a um vira-lata impertinente, que vem atrapalhar suas ruminções à sombra do coqueiro. Um grupo de mulheres com lenços nas cabeças sai do mato, e passa com ar satisfeito pela rua de terra, carregando latas cheias de uma frutinha preta: é o tempo da guabiraba. Com o mar verde ao fundo, a paisagem faz pose de cartão-postal.

– A praia aqui é boa. É falada.

Dona Francisca aguarda que dr. Dmytro chame seu nome, sentada numa cadeira de plástico, enquanto me conta que, embora seu marido seja um dos muitos guias locais, credenciado e motorizado para conduzir turistas até as piscinas naturais de Perobas (um dos atrativos mais procurados em Touros), ela mesma, até hoje, nunca experimentou o passeio.

– Tão bom, *né?* Mas cadê coragem?

Sem arredar os pés da areia, Dona Francisca cuida sozinha da casa, do filho diabético, da mãe, do pai e de uma tia. Hoje, escapuliu de sua enfermaria

doméstica, excepcionalmente, para renovar a receita de Diazepam. A desdobrada dedicação a seus parentes, por vezes, engrossa-lhe os nervos.

– Aí tenho que tomar um remedinho pra ficar calma.

Dr. Dmytro abre a porta do consultório com a ficha de Lenísia da Silva na mão. E enquanto a gestante de 22 anos carrega a barriga de 36 semanas na direção do médico, Dona Francisca se ajeita na cadeira, antecipando-se à meia hora, no mínimo, que aguardará até a próxima chamada:

– Ele vai consultar ela dos pés à cabeça.

Toda comunidade já sabe que, no posto de saúde, a maré da espera começa cheia e, ao longo do dia, vai vazando a conta-gotas. Depois de viajar de um emprego a outro em Portugal, cumprindo um pinga-pinga alucinado entre plantões, dr. Dmytro desacelera o próprio passo, esmerando-se noutra atenção à população de Touros:

– Imagina, no hospital era só despachar. Tinha muita gente. Eu já não quero mais isso. É melhor fazer esse trabalho, que você conhece o paciente. Gosto de falar com eles.

Depois de Lenísia, é a vez de Marcos, que batuca na mesa do médico. O constrangimento esquenta as bochechas de Luiza, que puxa o filho de sete meses para si, apertando-o no colo. Uma tosse insistente tem sacudido as noites do menino. Mas os pulmõezinhos estão limpos, segundo o estetoscópio do dr. Dmytro.

Em seguida, ainda passa pelo consultório uma marisqueira. Além de abrir o envelope do laboratório, e mostrar ao médico o resultado dos exames pedidos no mês passado, a moça aproveita para arregalar o olho direito, ainda avermelhado e lacrimejante: uma escama lhe saltou no rosto, enquanto ela raspava um peixe à faca, nos preparativos do jantar de ontem.

Lá fora, pensando na casa sem os seus cuidados, e no horário do almoço se aproximando, Dona Francisca formiga de impaciência. Até que o dr. Dmytro finalmente anuncia seu nome. Depois de uma consulta demorada e meticulosa, a senhora conversadeira sai do posto de saúde com a prescrição na mão. Mas já precisa menos dos ansiolíticos em comprimidos:

– Ele é calmo. A gente chega estressada, e ele de-
sestresa a gente.

A tarde segue na mesma toada vagarosa, como um paquete à vela no mar sem vento. E quando terminam as treze fichas agendadas para o dia, dr. Dmytro ainda atende um último caso, que chega quando ele já se preparava para sair: embaixo de uma sombrinha preta com bolinhas brancas, o pai protege do sol o filho febril.

A exemplo do marido de Dona Francisca, Márcio Martins também pilota lanchas cheias de forasteiros até as piscinas naturais de Perobas. Para os pescadores da região, o passeio vem se convertendo em nova profissão, bem menos suada e bem mais rentável que o expediente madrugador e incerto de puxar da água covos de marmeleiro e redes de tresmalho. Alguns ainda conciliam as duas atividades: entre uma saída e outra a serviço da agência de turismo, Márcio, por exemplo, voltou hoje, carregado de garajubas, depois de dois dias em alto-mar. Ao chegar a casa, o pescador foi recebido pela mulher acamada (diagnosticada no hospital de Touros com chikungunya) e o filho de cinco anos tiritando, com

39 de febre. Márcio largou suas tralhas salgadas num canto. Pegou Maécio no colo. Abriu a sombrinha preta com bolinhas brancas. E correu para o posto de saúde, para ver se ainda alcançava o médico.

– O senhor não pode dar logo uma amoxicilina pra ele, doutor?

Como recusa ao pedido, com um didatismo desapressado, o médico explica ao pai aflito a diferença entre as viroses e as infecções bacterianas, ressalta a necessidade de um diagnóstico adequado antes da administração de qualquer remédio, elenca os riscos decorrentes da automedicação, e pondera sobre os malefícios que acompanham os benefícios dos antibióticos, especialmente nas crianças. Sentado com as pernas cruzadas sobre a maca, Maécio ouve tudo, quietinho, enquanto toma mais um copo d'água, a pedido do dr. Dmytro. Até que a coluna de mercúrio encurta no termômetro, que a enfermeira retira do sovaco do menino, agora refrigerado pelo paracetamol. Então, o médico orienta Márcio sobre a conduta a ser observada nas próximas horas. Recomenda-lhe procurar o hospital, caso a febre resista ao anti-térmico. E pede que retorne, com o

filho e a esposa, depois de amanhã, quando voltará a atender em Perobas. Por fim, antes de liberar Márcio e Maécio, dr. Dmytro pergunta ao pescador sobre a maré. E se assegura de que, sim, a essa hora é possível voltar de carro pela praia.

O médico liga a tração da camionete e o rádio, para me apresentar um *pout-pourri* em mp3 de canções da sua terra. A melodia começa arrastada, como se penasse para escalar as montanhas diante das quais a *kolomeyka* costuma ser tocada. Logo, no entanto, como se a música rolasse lá do alto, dá-se a descida desabalada: o compasso acelera, mais e mais, arrastando consigo os violinos. No atropelo da marcha, o acordeão alucina. Enquanto isso, ofegantes, os dançarinos tentam acompanhar o resfôlego insano: segundo dr. Dmytro, os mais resistentes durarão no máximo vinte minutos, de mãos dadas na roda, até sucumbirem sem ar ao ritmo atlético, que geralmente embala as festas tradicionais de seu país.

– É tipo um forró ucraniano.

Pela rodagem de areia, enquanto o acostamento espuma do nosso lado direito, e a brisa morna atra-

vessa as janelas abertas da camionete, a trilha sonora evoca sabores no motorista. Temperado pela nostalgia, o médico recorda as cerejas, o salmão defumado, a vodca e o *chachlik*, um churrasco feito com carne marinada.

– Gosto de cozinhar. Mas de maneira que eu possa perder três, quatro horas. Fazer só para despachar, não. Quando faço com calma, fica mais saboroso.

Na marcha branda, destoando do frenesi da *kolomeyka*, já estamos a meio caminho no trajeto de dez quilômetros entre Perobas e o centro de Touros, quando dr. Dmytro desacelera ainda mais o motor.

Logo adiante, sob o final da tarde, um grupo de pescadores dança o arrasto.

O mar resiste a desengolir a malha que os homens puxam pelas pontas, fincando os pés no chão molhado e mole: os corpos esticam-se, alavancas vivas, inclinadas para trás. O último da corda, quando alcança o seco fofo, se desamarra da fila, e troca o final pelo princípio, metendo outra vez as canelas n'água. Pulsa o baile, inspirando, expirando, junto

com as ondas. Centímetro a centímetro, a corda se acomprida, desenhando uma serpente infinita e morta na areia. Até que a rede emerge, gorda de sarçaço. E as crianças correm para catar os brilhinhos prateados, que saracoteiam em meio às algas.

Um bem-te-vi plana sobre a colheita, apoiado na brisa, com o bico salivando. Enquanto isso, as gentes enchem de manjubas os seus sacos plásticos. Enganchados no tresmalho, os bagres, muito miúdos para a culinária, são aleijados de seus ferrões antes de serem devolvidos ao mar: todo pescador sabe o que é pisar nesses espinhudos. De longe, à sombra de um cajueiro, Marcos Tibúrcio do Nascimento, o Marquinho, acompanha o movimento da mariscagem, enquanto remenda sozinho sua própria rede. Sem interromper a costura, aos 51 anos, o ex-mergulhador me conta histórias do tempo em que trabalhava a mais de 50 metros de fundura, respirando o ar bombeado por um compressor de borracharia:

– Catava lagosta de monte, igual os cabra tão no mato, panhando mangaba. Algumas chegava a três quilos. Tinha que pegar com as duas mãos.

Uma embolia aposentou Marquinho das profundezas.

Seu Raimundo, o dono da rede que acaba de ser puxada, nunca se arriscou tão longe:

– Acho melhor aqui, com os pés no chão.

E aponta para trás do horizonte, onde os barcos estacionam, e os pescadores mais corajosos pernoitam:

– Lá, só vê água e universo.

Na beira da praia, remexido a muitas mãos, o sargação logo se esvazia de manjubas. Agachado na areia, Seu Raimundo resgata do tresmalho um camarão solitário, um vila franca de uns quarenta grammas, que ele ergue como singelo reconhecimento ao esforço coletivo:

– Ei! Ói! Só sobrou um!

Então, a rede é recolhida e dobrada para o próximo dia. Em seguida, os pescadores mais dispostos voltam a trabalhar em equipe: uma bola corre entre pés descalços, buscando o gol de gravetos espetados na areia. Sobre a arquibancada líquida, à luz do entardecer, boia uma dúzia de pacotes dourados, atracados perto da praia. Os jogadores disputam

a clássica contenda entre o time sem camisa e a equipe dos vestidos. Acirrada, a partida só termina quando escurece. Então, apaga-se de vez o refletor-mor. E acendem-se milhões de manjubinhas, presas nas malhas da noite.

Na manhã seguinte, pontualmente às 8:15, como de hábito, dr. Dmytro volta a estacionar a camionete branca em frente ao posto de saúde. Desta vez, na comunidade de Carnaubinha.

A exemplo de Perobas, a espera já se aglomera à sombra, logo cedo. Depois de cumprimentar Seu Antonio do outro lado da rua (“Ele sempre cuida do meu carro”), e distribuir uma ou outra orientação preliminar aos pacientes que tentam antecipar o atendimento ainda na calçada (“Dá licença, doutor. Precisava ver uma coisa com o senhor. É um sinal que tem nas minhas costas...”), o médico se esgueira com gentilezas, até alcançar o consultório. Lá dentro, tirando o chapéu de palha que lhe protege a calva, rodeada por uma faixa grisalha raspada à máquina, dr. Dmytro enfia a cabeça através da gola em “v” do jaleco de algodão, com mangas curtas e sem botões, ao estilo de uma bata. Depois, recoloca

os óculos junto às sobrancelhas grossas e escuras. E assim, devidamente paramentado, aciona a marcha serena de mais um expediente.

Dona Maria do Socorro chega com muita dor nas articulações:

– Nem pentear o cabelo consigo.

Dona Maria Silvestre reclama um mal-estar mais difuso:

– É uma moleza em cima de mim, um ismurecimento no meu corpo, uma tremura que fico imortecida, sem pudê nem andá. Não sei o que é isso não.

O aparelho de pressão explica: 22x11.

Enquanto isso, na sala de triagem, Dona Zélia sobe na balança com Cássio Igor no colo. A agente de saúde desliza o cilindro de metal, até o equilíbrio da barra cifrada, anotando a medida. Em seguida, a avó entrega o neto de um ano e meio ao avô, que a acompanha. E volta a conferir seus quilos, agora sozinha. Subtraindo o primeiro resultado do segundo, a agente de saúde calcula o peso dos bebês: um procedimento impreciso, porém necessário, já que a balança infantil permanece quebrada. Também não há um glicosímetro à disposição dos diabéti-

cos. Vanilson, o dono da mercearia, vem renovar o curativo na canela, trazendo de casa um pacote de gazes esterilizadas. Na fila de espera, as moças se abanam com envelopes de exames, timbrados por laboratórios particulares... Em muitos casos, os pacientes acabam recorrendo ao próprio bolso, para remediar as precariedades do posto de saúde.

De sua parte, por falta de alternativa, dr. Dmytro reveza seu aparelho de pressão com a enfermeira. E como no dia anterior, em Perobas, por conta do tamanho da espera, o médico volta a dispensar a pausa do almoço, emendando o turno da manhã ao da tarde.

Raimundo tem medo de que sejam hereditárias essas dores que sente no peito quando respira fundo: o pai e o irmão faleceram de enfarto. Seu Orlando entra no consultório empunhando um canudo de raio X, lacrado por uma tirinha de esparadrapo. Lá fora, aguardando sua vez, alguém reclama a demora. Marileide pondera:

– Mas ele examina a pessoa todinha. Olha o papel todinho. E o remédio que ele passa é bom, não é?

No total, o médico atende treze pacientes; sua média cotidiana. Mas depois do que seria a última consulta da tarde (Roseane sai com a receita de um antibiótico para a infecção urinária), dr. Dmytro então começa um turno extra, recebendo quem chegou depois de esgotadas as vagas inicialmente disponibilizadas para o dia:

– Não é atendimento, mas pelo menos oriento. Imagina se eu simplesmente lhes disser: “Você sabe, meu trabalho acabou. Vem cá noutro dia”. A gente tem que criar um bom vínculo com as pessoas. Esse vínculo não aparece logo. E se cria também com esse gênero de trabalho que eu tenho feito, sabe?

No serão do médico, Daniele quer saber se pode retirar o pólipo do ovário, na cirurgia agendada meses antes, para a próxima terça-feira. Há menos de uma semana da operação, ela passou a suspeitar que está grávida. Em seguida, Jhennifer recebe a prescrição de uma loção tópica, para abrandar a urticária na pele empipocada. Francisco é encaminhado para o ortopedista.

Enfim, um silêncio responde ao chamado do dr. Dmytro: a sala de espera está vazia. Estouro rojões

íntimos, em discreta comemoração. A essa altura, tendo perdido o almoço para acompanhar o médico, tudo o que consigo é desenhar camarões no meu bloquinho de notas, pensando no jantar que anteciparei para o fim da tarde. Coloco a mochila nas costas, pronto para ir embora. Mas eis que, do fundo do corredor, surge Dona Dária.

Ao passar em frente ao posto de saúde, a camionete branca ainda estacionada sugeriu-lhe a entrada. A paciente integra o grupo de hipertensos de Carnaubinha, e resolveu aproveitar a oportunidade para medir a pressão, como faz regularmente, para o seu próprio bem e o controle do médico. A visita seria, supostamente, rápida. Mas dr. Dmytro convida Dona Dária a entrar no consultório. Estende-lhe a cadeira. Acomoda-se do outro lado da mesa. E antes de abrir o velcro para enlaçar o braço da décima oitava paciente do dia, o médico estica o assunto com um sorriso:

– Como tá a vida?

AGRADECIMENTOS

Logo de cara, agradeço demais ao Edson Pistori, parceiro de outras histórias, por ter sido o primeiro a me ver escrevendo este livro. E, além do mais, por ter me apresentado ao Hêider Pinto, a quem agradeço pela confiança pra lá de generosa no meu trabalho. Valeu, primo!

Agradeço também à turma toda do Ministério da Saúde pela acolhida: Filipe Proenço, Zé, Érica, Timóteo, Florentino, Aristides e Amanda. Às referências estaduais, João Barbosa (PI), Cely Gama (BA), André da Silva e Leila Lopes (AC), Roberdson (RR), Anna Mota (TO), Helder Luz (PA), Polyana e Laerge (PB), pelas indicações valiosas, mas que não dei conta de conhecer. Ao Wagner Almeida, pela força para desatar os nós da burocracia.

Ao Marcelo Delduque, por ter colocado dra. Mayra, dr. Dmytro e dr. Sael no meu mapa. E ao Araújo Alcântara, um baita agradecimento pelas poesias em luz e sombra, gentilmente cedidas para as capas desta série.

No Sergipe, agradeço à Aline, pelo apoio da Secretaria de Saúde de Poço Redondo. Ao Sandro e ao Seu Alexandre, pela recepção familiar. À Dona Joana, pela vivacidade das memórias. Ao dr. Sael Caballero, pela disposição aberta, sem muros. E à Dona Zefa, pela meninice antiga, pelo abraço como benção.

No Amazonas, agradeço à Meiriane, ao Ricardo, ao Almino e à Delzuita, pelas pontes que me levaram de São Paulo até Manaus. Ao dr. Venâncio, meu gentil anfitrião no bairro Antonio Aleixo, pelas portas abertas. Aos motoristas Cristiano e Alexandre, pelo vai e volta entre o centro e a zona leste. À dra. Mayra Martinez e à Fran Oliveira, por me levarem pela mão ao cerne da Colônia. Ao Seu Vicente, Jandira e Lucilaine, Seu Aníbal, Edigilson Barroncas, Dona Eunice Vieira, Seu Brulino, Seu Raimundo Piranha, Seu Rui Coelho, Seu Francisco Félix (Chico Manacapuru), Maria Raimunda e Anastácio da

Costa (Seu Pitu), por remediarem, com suas próprias histórias de vida, algo dos meus enrustidos preconceitos.

No Rio Grande do Norte, agradeço à Uiacy e Antonia pelo pente fino nos casos exemplares, garimpados para mim. À Eliege, secretária de Saúde de Touros, pelo aval à minha viagem. Ao dr. Dmytro Petruk, pela companhia apaziguadora, e pela mistura de paisagens, montanha com praia, que sua biografia me inspirou. E à Dona Maria do Socorro, Miguel de Moura, Alais Araújo, Seu Adão Moreira, à família Gomes Matias, ao Antonio Barbosa, Seu Orlando, Marcos Tibúrcio (Marquinhos), Seu Rui, Raimundo, Dona Francisca e Jéssica, à Lenísia da Silva, ao Márcio, Maécio e à Dona Dária Assis, por me permitirem conhecer o verso do cartão-postal, nas comunidades de Perobas e Carnaubinhas.

Um ano indo e vindo, maré de saudade enchendo e esvaziando... Dedico estas histórias à Passarinho, minha bússola pelos caminhos da leveza. E ao Pedro, o sentido disso tudo.

Além-mar © Antonio Lino, 2016

Os direitos de uso desta edição foram cedidos pelo autor à Editora Rede Unida, em caráter não exclusivo e para fins não comerciais.

DIREÇÃO DE ARTE Paula Dib

FOTO DE CAPA Araquém Alcântara

REVISÃO DE TEXTO Revisões & Revisões

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lino, Antonio
Além-mar / Antonio Lino -- foto Araquém Alcântara.
São Paulo: Ed. do Autor, 2016. -- (Série branco vivo)

ISBN 978-85-912473-6-3

1. Médicos - Relatos 2. Memórias 3. Pescadores - Rio Grande do Norte (RN) - Aspectos sociais 4. Viagens - Fotografias 5. Viagens - História 6. Viagens - Narrativas pessoais 7. Viagens - Relato de viagens I. Alcântara, Araquém. II. Título. III. Série.

16-05600

CDD - 910.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Relatos de viagens 910.4
2. Viagens : Narrativas pessoais 910.4

editora



redeunida

Secretaria Executiva

Rua São Manoel, 498 - Santa Cecília

Porto Alegre/RS - CEP 90620-110

(51) 3391-1252

secretaria@redeunida.org.br

www.redeunida.org.br



9 788591 247363